



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0145/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 01/06/2025

Presidente da Mauritânia chega a Medina



Ghazouani foi recebido no Aeroporto Internacional Príncipe Mohammed bin Abdulaziz por Abdul Mohsen bin Nayef bin Hamid.

O presidente da Mauritânia, Mohamed Ould Ghazouani, chegou ontem a Medina para visitar e rezar na Mesquita do Profeta.

Ghazouani foi recebido no Aeroporto Internacional Príncipe Mohammed bin Abdulaziz por Abdul Mohsen bin Nayef bin Hamid, subsecretário de Medina; o director do Escritório Real de Protocolo na região, Ibrahim bin Abdullah Barri; e vários outros funcionários. Enquanto isso, o embaixador do Reino da Arábia Saudita no Paquistão, Nawaf bin Saeed Al-Malki, reuniu-se ontem com Mohamed Ali Randhawa, presidente da Autoridade de Desenvolvimento de Capital do Paquistão, em Islamabad. Eles discutiram questões de interesse comum, de acordo com uma postagem feita pelo embaixador no X. **Fonte-Arab News**

Reino da Arábia Saudita e o Qatar fornecerão apoio financeiro a funcionários estatais sírios



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan Al Saud, e o ministro das Relações Exteriores da Síria, Asaad Hassan al-Shibani, ontem numa colectiva de imprensa em Damasco, Síria, em 31 de maio de 2025 e se reuniu com o presidente interino Ahmed Al-Sharaa e "a delegação econômica de alto nível" conversou com autoridades sírias sobre formas de cooperação "que contribuam para apoiar a economia da Síria e fortalecer a construção de instituições".

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, disse ontem que o Reino e o Qatar fornecerão apoio financeiro conjunto aos funcionários do Estado na Síria. Suas declarações foram feitas durante uma colectiva de imprensa conjunta com seu homólogo sírio, Asaad Al-Shaibani, em Damasco, que recebeu o ministro das Relações Exteriores e sua delegação na sua chegada à capital síria. "O Reino fornecerá, com o Qatar, apoio financeiro conjunto aos funcionários do Estado na Síria", disse o Príncipe Faisal. A Síria e o Reino da Arábia Saudita já haviam discutido maneiras de fortalecer as relações bilaterais nos sectores financeiros.

O Príncipe Faisal referiu-se ao papel de seu país em ajudar a suspender as sanções econômicas à Síria, dizendo que o Reino da Arábia Saudita continuará a ser um dos principais apoiadores da Síria em seu caminho para a reconstrução e recuperação econômica. Ele disse que estava sendo acompanhado por uma delegação econômica de alto nível do Reino para "manter conversas (com o lado sírio) para reforçar aspectos da cooperação em vários campos". O Reino e o Qatar reafirmaram seu compromisso de apoiar a estabilidade e o desenvolvimento da Síria, destacando seus laços históricos e fraternos compartilhados com o povo sírio. Os dois países enfatizaram a importância de melhorar as condições de vida e promover a estabilidade econômica e social na Síria. Eles também expressaram um forte desejo de trabalhar em coordenação com a comunidade internacional e parceiros de desenvolvimento para garantir um apoio sustentável e eficaz por meio de uma visão abrangente e unificada. Ontem, os dois ministros das Relações Exteriores visitaram a Mesquita Omíada em Damasco.

O Príncipe Faisal também se reuniu ontem com o presidente interino Ahmed Al-Sharaa durante sua visita e "a delegação econômica de alto nível" conversou com autoridades sírias sobre formas de cooperação "que contribuam para apoiar a economia da Síria e fortalecer a construção de instituições". **Fonte-Reuters**

Sermão de Arafat alcançará muçulmanos por meio de iniciativa de tradução em 35 idiomas



A Presidência de Assuntos Religiosos da Grande Mesquita e da Mesquita do Profeta lançou uma iniciativa para traduzir o sermão de Arafat deste ano para 35 idiomas.

A Presidência de Assuntos Religiosos da Grande Mesquita e da Mesquita do Profeta lançou na passada quinta-feira uma iniciativa para traduzir o sermão de Arafat deste ano para 35 idiomas, alcançando aproximadamente cinco milhões de muçulmanos em todo o mundo durante a temporada de Hajj de 1446.

O Xequê Abdulrahman Al-Sudais, presidente de assuntos religiosos, enfatizou a dedicação da presidência em destacar a liderança do Reino ao serviço ao Islão e aos muçulmanos, particularmente aqueles que visitam as Duas Mesquitas Sagradas.

Al-Sudais disse que transmitir a mensagem global moderada é uma prioridade fundamental: "Na vanguarda de nossos princípios de transmissão está a divulgação da orientação do sermão de Arafat, que contém os fundamentos da fraternidade humana e civilizacional e da tolerância religiosa, traduzidos para 35 idiomas para o Hajj deste ano". Os preparativos para a tradução foram concluídos cedo, disse Al-Sudais, para projectar a mensagem moderada do Reino em todo o mundo. A presidência estabeleceu um comitê independente para criar uma estrutura padronizada para maximizar o impacto e os resultados do sermão. **Fonte-Arab News.**

Saudi Telecom assina acordo para reconstruir o sector de telecomunicações da Síria



O acordo foi assinado pelo ministro das Telecomunicações da Síria, Abdul Salam Haykal, e pelo CEO da Saudi Telecom, Yahya bin Saleh Al-Mansour.

A Saudi Telecom do Reino da Arábia Saudita assinou um acordo com o governo sírio para ajudar a modernizar a infraestrutura digital do país, marcando uma das primeiras grandes iniciativas do sector privado após a recente flexibilização das sanções ocidentais. O acordo foi assinado pelo ministro das Telecomunicações da Síria, Abdul Salam Haykal, e pelo CEO da Saudi Telecom, Yahya bin Saleh Al-Mansour, visando renovar a rede de comunicações envelhecida da Síria, um passo crítico no longo caminho do país em direcção à recuperação. A Saudi Telecom, com sede em Riade, está expandindo sua presença nos mercados pós-conflito por meio de investimentos estratégicos em infraestrutura. A medida segue uma mudança significativa de política das potências ocidentais. Apenas algumas semanas atrás, os EUA e a UE começaram a suspender as sanções de longa data contra a Síria - uma decisão amplamente vista como um ponto de virada no envolvimento internacional com o país devastado pela guerra. **Fonte-Arab News.**

Corpo de menino saudita que caiu em rio na Turquia recuperado



Imagens de CCTV mostram o menino saudita jogando futebol com seu pai do lado de fora do hotel onde eles estavam hospedados na província de Trabzon na manhã em que ele desapareceu.

Equipes de busca e resgate na Turquia recuperaram o corpo de um menino saudita de nove anos na manhã de ontem, seis dias depois que ele teria caído no riacho Haldizen, na região de Uzungol. A Embaixada do Reino da Arábia Saudita na

Turquia confirmou em um comunicado no X que o corpo do menino foi recuperado após extensas buscas por equipes de resgate turcas nos últimos dias, e que os procedimentos necessários estão em andamento em coordenação com a família e as autoridades pertinentes. Acredita-se que o menino, que a imprensa identificou como Faysal Ramzi Al-Sheikh, estava passando férias com a sua família na província de Trabzon quando desapareceu.

Foi relatado que ele estava ao lado de uma das margens íngremes do riacho quando escorregou no rio devido às fortes chuvas que elevaram o nível da água do rio. Em uma declaração no X, a embaixada saudita disse: "Que Deus tenha misericórdia dele ... a embaixada, em coordenação com sua família e as autoridades turcas competentes, concluirá os procedimentos necessários." Expressou suas profundas condolências à família, acrescentando que "agradece sinceramente às autoridades turcas por seus grandes esforços na busca pelo falecido ... e recuperando seu corpo." **Fonte-Arab News.**

Crédito do sector bancário do Sultanato de Omã sobe 9%, para US\$ 87,3 bilhões



Os depósitos do sector privado do Sultanato de Omã em bancos convencionais aumentaram 4,5%, para 16,8 bilhões de rials em abril, de acordo com o Banco Central.

O total de crédito pendente concedido pelo sector bancário do Sultanato de Omã, composto por instituições convencionais e islâmicas, aumentou 9% em relação ao ano anterior, para 33,6 bilhões de rials omanenses (US\$ 87,3 bilhões) no final de abril, de acordo com novos dados. De acordo com o Banco Central de Omã, o crédito ao sector privado aumentou 7%, para 27,8 bilhões de rials. As sociedades não financeiras detiveram a maior participação com 46,6%, seguidas de perto pelo sector doméstico com 44%. As sociedades financeiras detinham 5,6%, enquanto outros sectores representavam os 3,7% restantes. Os depósitos em todo o sistema bancário também mostraram um crescimento robusto. "O total de depósitos mantidos em ODCs (outras corporações depositárias) registrou um crescimento significativo de 9,3% em relação ao ano anterior, atingindo 32,8 bilhões de rials omanenses no final de abril de 2025".

Desse total, os depósitos do sector privado atingiram 21,5 bilhões de rials, um aumento de 7,1% em relação ao ano anterior. Os depósitos das famílias

contribuíram com a maior parcela com 50,3%, seguidos por empresas não financeiras com 30,4%, corporações financeiras com 17% e outros sectores com 2,3%. O crédito concedido pelos bancos cresceu 7,9%, para 21,3 bilhões de rials, enquanto seus depósitos agregados aumentaram 6,1%, para 25,7 bilhões de rials. Os sectores bancários dos países do Conselho de Cooperação do Golfo demonstraram crescimento do crédito, refletindo a resiliência econômica e os investimentos estratégicos da região. **Fonte-Arab News.**

Hamis busca mudanças na proposta dos EUA para Gaza



O Hamas disse ontem que respondeu a uma proposta de cessar-fogo do enviado dos EUA, Steve Witkoff, dizendo que 10 reféns vivos seriam libertados de Gaza como parte do acordo.

O Hamas disse ontem que está buscando emendas a uma proposta apoiada pelos Estados Unidos para um cessar-fogo temporário com Israel em Gaza, mas o enviado do presidente Donald Trump rejeitou a resposta do grupo como "totalmente inaceitável".

O grupo militante palestino disse que estava disposto a libertar 10 reféns vivos e entregar os corpos de 18 mortos em troca de prisioneiros palestinos em prisões israelenses. Mas o Hamas reiterou as exigências pelo fim da guerra e pela retirada das tropas israelenses de Gaza, condições que Israel rejeitou. Uma autoridade do Hamas descreveu a resposta do grupo às propostas do enviado especial de Trump para o Médio Oriente, Steve Witkoff, como "positiva", mas disse que estava buscando algumas emendas. O funcionário não detalhou as mudanças que estão sendo buscadas pelo grupo. "Esta resposta visa alcançar um cessar-fogo permanente, uma retirada completa da Faixa de Gaza e garantir o fluxo de ajuda humanitária para nosso povo na Faixa", disse o Hamas em um comunicado.

As propostas veriam uma trégua de 60 dias e a troca de 28 dos 58 reféns ainda mantidos em Gaza por mais de 1.200 prisioneiros e detidos palestinos, juntamente com a entrada de ajuda humanitária no enclave. Uma autoridade palestina familiarizada com as negociações disse à Reuters que entre as emendas que o Hamas está buscando está a libertação dos reféns em três fases ao longo da trégua

de 60 dias e mais distribuição de ajuda em diferentes áreas. O Hamas também quer garantias de que o acordo levará a um cessar-fogo permanente, disse o funcionário. Não houve resposta imediata do gabinete do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu à declaração do Hamas. Israel já rejeitou as condições do Hamas, exigindo o desarmamento completo do grupo e seu desmantelamento como força militar e governante, juntamente com o retorno de todos os 58 reféns restantes. **Fonte-Reuters.**

Presidente sírio chega ao Kuwait em visita oficial



Al-Sharaa já havia visitado o Reino da Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Emirados Árabes Unidos em sua turnê pelo Golfo.

O presidente sírio, Ahmad al-Sharaa, e sua delegação que o acompanha chegaram hoje ao Kuwait. "Al-Sharaa deve manter conversas oficiais com o Emir do Kuwait, Sheikh Mishal Al-Ahmad Al-Jaber Al-Sabah, em afirmação do apoio inabalável do Kuwait à Síria, seu povo e sua soberania". O líder sírio está acompanhado pelo ministro das Relações Exteriores, Assad al-Shibani. A visita de Al-Sharaa ao Kuwait visa impulsionar os laços bilaterais entre os dois países. Os laços entre a Síria e o Kuwait foram retomados no ano passado, testemunhando um notável renascimento quando o ministro das Relações Exteriores do Kuwait, Abdullah Al-Yahya, visitou Damasco em 30 de dezembro. Desde a visita, o Kuwait lançou os primeiros voos de uma ponte aérea humanitária para a Síria, para ajudar a aliviar o sofrimento dos sírios. O Kuwait, juntando-se a outros estados membros do GCC, ressaltou seu apoio inabalável à unidade e soberania da Síria. **Fonte-Agência de notícias SANA.**

Delegação curda segue para Damasco

Uma delegação da administração curda semiautônoma do nordeste da Síria seguiu ontem para Damasco para conversar sobre a implementação do acordo de marco para integrar instituições curdas ao Estado, disse um membro da delegação. Sob o acordo assinado pelo presidente interino da Síria, Ahmad Al-Sharaa, e Mazloun Abdi, chefe das Forças Democráticas Sírias lideradas pelos curdos, os curdos devem integrar suas instituições civis e militares ao governo nacional. O acordo inclui todas as passagens de fronteira, campos de petróleo e

gás e um aeroporto regional. Um membro da delegação curda disse que "uma delegação da administração autônoma está a caminho de Damasco para discutir" detalhes do acordo de março. Apesar do acordo, os curdos criticaram uma declaração constitucional anunciada pelas novas autoridades, que assumiram o poder após derrubar Bashar Assad em dezembro, e disseram que o novo governo não reflectiu a diversidade da República Árabe da Síria. No mês passado, os partidos curdos sírios adoptaram uma visão conjunta de um "Estado democrático descentralizado", uma medida rejeitada por Damasco, que alertou contra tentativas de separatismo ou federalismo pelo grupo minoritário. O acordo de março afirma que os curdos são um "componente essencial do Estado sírio", garantindo o "direito à cidadania e todos ... direitos constitucionais". Os curdos da Síria sofreram marginalização e repressão sob o governo de Assad, sendo privados do direito de falar sua língua e celebrar seus feriados e, em muitos casos, da nacionalidade síria. No início deste mês, o ministro das Relações Exteriores da Síria, Asaad Al-Shaibani, alertou que atrasar a implementação do acordo "prolongaria o caos" no país. **Fonte-Reuters.**

O rebaixamento do Africom envia um sinal: África deve apertar o cinto



HAFED AL-GHWEL

31 de maio de 2025



General dos EUA Michael Langley, do Comando dos EUA em África.

A declaração contundente do general norte-americano Michael Langley no exercício militar Leão Africano 2025 – "É preciso haver algum compartilhamento de encargos" – ressoa menos como uma evolução estratégica e mais como um eufemismo educado para a contenção irreversível dos EUA em África. Isso marca

uma mudança perceptível da retórica usual de boa governança e contraria as causas subjacentes da insurgência que definiram o envolvimento dos EUA no passado. Em vez disso, Washington agora está sinalizando que seus frágeis aliados africanos devem se preparar para se manter mais por conta própria. Este não é apenas um ajuste tático; talvez seja a salva de abertura de um possível desmantelamento do Comando dos EUA para a África, uma instituição nascida em 2008 para simbolizar a crescente importância estratégica de África.

Um briefing vazado do Pentágono, contemplando a fusão do Africom de volta ao Comando Europeu como um boleto subordinado de três estrelas, expõe o principal factor: parcimônia fiscal disfarçada de realinhamento estratégico. Afinal, as economias projectadas representam minúsculos 0,03% do orçamento anual de quase US \$ 900 bilhões do Pentágono, levando a uma avaliação irônica de um general aposentado que descartou a "fusão" proposta como mero corte de custos, em vez de manobras estratégicas bem concebidas.

Estranhamente, a medida contradiz a escalada quase simultânea de operações cinéticas do governo - desde o afrouxamento das regras de ataques aéreos na Somália até a expansão das autoridades de combate - revelando uma preferência por acções letais divorciada do planeamento holístico que um comando dedicado quase sempre é obrigado a fornecer. Superficialmente, essa postura bizarra não sugere um desengajamento total, como os alarmistas querem que acreditemos, mas uma militarização mais barata, mais fragmentada e, em última análise, menos eficaz.

O "compartilhamento de encargos", portanto, parece menos um apelo à parceria equitativa e mais um precursor do desengajamento transaccional. O cálculo subjacente parece preocupantemente mercenário - isto é, para os países africanos esperarem investimentos duradouros em segurança dos EUA, Washington deve primeiro ter certeza de retornos demonstráveis e imediatos.

Claro, isso introduz uma série de perguntas. As nações anfitriãs em potencial concordarão em pagar a conta das bases? O acesso a minerais críticos como o cobalto - vital para as baterias, com 70% do fornecimento global vindo da República Democrática do Congo - será garantido em termos favoráveis? Favorável a quem? As empresas de energia dos EUA garantirão contratos prioritários?

A referência oblíqua de Langley ao apoio dos EUA ao Sudão, em comentários posteriores, sugere essa nova expectativa de "quid pro quo". Além disso, o desmantelamento sistemático da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional e outras iniciativas de soft power sob orçamentos anteriores deixa os militares como o principal instrumento contundente de influência, agora exercido com um olho firme no balanço. Isso não é

multilateralismo, mas transacionalismo robusto, onde as parcerias de segurança existem apenas se produzirem lucro econômico ou estratégico directo e tangível que exceda o custo de implantação.

Por enquanto, no entanto, a inércia burocrática que favorece a sobrevivência do Africom permanece formidável. Os presidentes do Comitê de Serviços Armados do Congresso emitiram uma repreensão imediata a quaisquer planos para dismantlar a instituição, declarando os comandos combatentes a ponta da lança de combate americana e prometendo bloquear mudanças unilaterais que careçam de um processo rigoroso. Seu controle sobre o orçamento de defesa e os programas de assistência à segurança lhes concede uma influência significativa. Mas não está claro se isso será suficiente para dissuadir um governo convencido de que um conjunto bastante diferente de regras está agora em jogo em todo o continente africano.

Independentemente disso, os legisladores têm razão. A proposta de rebaixamento do Africom de um comando combatente de quatro estrelas para uma entidade de três estrelas sob o Comando Europeu constitui muito mais do que uma remodelação organizacional. Representa uma degradação deliberada da posição institucional da África dentro da hierarquia do Pentágono, com profundas implicações sobre como a política de segurança dos EUA em relação ao continente é formulada e priorizada.

Afinal, a arquitectura burocrática das forças armadas dos EUA atribui imenso peso à patente e posição de seus comandantes. Um comandante combatente de quatro estrelas ocupa uma das 41 posições desse tipo em todas as forças armadas dos EUA - um estrato rarefeito que concede acesso directo e não filtrado ao secretário de Defesa e ao presidente. Isso constitui um "canal de acção" crítico, um caminho formal que permite ao comandante moldar debates políticos, defender recursos e apresentar avaliações de segurança centradas em África no ápice da tomada de decisões de segurança nacional.

A remoção desse boleto de quatro estrelas efectivamente silencia o defensor dedicado de África nas salas onde as prioridades globais são definidas e os recursos alocados. Um deputado de três estrelas, aninhado na burocracia do EUCOM e reportando por meio de um superior focado principalmente em questões de segurança europeias e transatlânticas, simplesmente não tem a posição, o prestígio e o acesso directo equivalentes necessários para garantir que os complexos desafios de África recebam atenção proporcional de alto nível, especialmente quando competem com demandas de regiões como a Ucrânia ou o Indo-Pacífico.

No entanto, o ponto de apoio do Africom no continente, embora opaco, só se tornou mais vulnerável nos últimos anos. A expulsão de Agadez e Niamey, duas

bases críticas de drones no Níger com mais de 1.100 funcionários, prejudicou as capacidades de inteligência, vigilância e reconhecimento em todo o Sahel. Isso deixa o aeroporto de Chabelley, em Djibuti - apoiando talvez 4.000 soldados e um esquadrão de drones MQ-9 Reaper - como o único hub de drones persistente confirmado publicamente. As estimativas do pessoal total do Africom flutuam muito devido a implantações rotativas e locais classificados, mas avaliações confiáveis sugerem menos de 5.000 a 10.000 soldados em todo o continente a qualquer momento, concentrados fortemente no Djibuti e na Somália.

Essa dispersão pelo que é conhecido como "Locais de Segurança Cooperativa" e "Locais de Contingência", potencialmente duas dúzias de locais com 100-200 soldados cada, cria riscos persistentes de emaranhamento. Além disso, sustentar uma presença tão difusa e vulnerável tornou-se politicamente insustentável, dada a falta de vitórias claras e publicamente defensáveis contra grupos resilientes como o Al-Shabab ou afiliados do Daesh que florescem na Líbia pós-Kadafi e em partes do Sahel.

No entanto, a confluência é inegável. A demanda por aliados para assumir mais riscos coincide com um esforço para rebaixar a estrutura de comando que defende o engajamento sustentado, ao mesmo tempo em que expande as operações cinéticas de forma barata. Assim, o "fim" do Africom como entidade independente é plausível, até provável - atribuído a bisturis orçamentários, mas principalmente devido a ser uma vítima de uma visão de mundo transaccional. No entanto, isso não significa de forma alguma uma desmilitarização total da política dos EUA na África. Em vez disso, anuncia uma era mais incoerente, reactiva e estreitamente egoísta - e é melhor, África, apertar o cinto.

A força militar continuaria sendo uma opção, talvez até a opção padrão na ausência de ferramentas não cinéticas robustas, mas planejada e executada com menos experiência, supervisão menos consistente e menos consideração pela estabilidade de longo prazo. África, nesta era emergente, corre o risco de se tornar um teatro para greves oportunistas e acordos extractivistas, seus desafios complexos reduzidos a um livro de custos e benefícios imediatos – muito longe das aspirações de "poder inteligente" que acompanharam a fundação do Africom.

Hafed Al-Ghwell é membro sênior e director executivo da Iniciativa do Norte de África no Instituto de Política Externa da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins em Washington, DC. X: @HafedAlGhwell

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

